

BB 80/2026

MILAGRE DA MEIA-NOITE

Robert Toovey Walker

Maria pausou para um último olhar no espelho. O vestido amarelo de verão valorizava seus novos implantes de silicone. Outrora líder de uma gangue de adolescentes, ela deixara tudo para trás para se tornar uma mulher estonteante, que, segundo alguns, lembrava Ariana Grande, embora numa versão capaz de travar guerras nas ruas. Fora o braço direito de “Mãe” na sucessão do comando do Reduto, um bairro de casarões decadentes em ruínas e calçadas escorregadias em Belém do Pará, Brasil. Agora, porém, suas fotos estampavam o site *Beauties of the Amazon*, onde ultrapassavam mais de cem mil curtidas.

Mãe surgiu no reflexo do espelho atrás dela.

— Então, está tudo pronto?

Maria franziu a testa.

— Claro. Já falamos disso mil vezes

— Eu sei, queridinha. Mas tudo depende de você! De você e daquele tal de ... *che che Cherry?*

— Pelo o amor de Deus, *Terry*. É *Terry*.

— Você sabe que falar inglês de puta não vai te transformar numa Princesa Diana, sabia?

Maria voltou a olhar para Mãe.

— Não esquece. É meu último trabalho.

— Isso mesmo! exclamou Mãe. — A nova vida no Rio. Quase esqueci.

— Vou mandar o endereço quando chegar.

— Somos farinha do mesmo saco, sabe? Tal mãe, tal filha.

Maria observou as unhas. Vivas o bastante para brilhar no escuro, afiadas o suficiente para cortar. Pegou a bolsa de festa.

— Este é meu último trabalho, Mãe.

Instável sobre os saltos, Maria apressou os passos pela calçada rachada. O Reduto, durante o dia, sob um sol escaldante, parecia cenário de abandono, como se um ataque químico tivesse exterminado os moradores. Mas à noite renascia: com a brisa agradável que soprava da Baía de Guajará, os locais se acomodavam em cadeiras dobráveis nas portas, comendo tacacá e maniçoba comprados nas barracas iluminadas por lamparinas de querosene.

Maria não gostava do que estava prestes a fazer. Fora um erro contar a Mãe sobre o plano do Pastor Terry: construir uma missão evangélica em Belém, comprar um terreno no bairro, trazer recursos da congregação de Chula, na Geórgia

Mãe ouvira tudo com atenção clínica. E arquitetara um golpe em minutos. Ela lhe venderia o terreno para construção, uma venda que nunca aconteceria porque o dinheiro do pobre homem, obtido por transferência bancária naquela tarde de sua congregação na Georgia, estava prestes a ser roubado pela gangue de delinquentes adolescentes da Mãe.

Quarenta mil dólares americanos guardados no cofre do seu quarto do hotel. Um pastor estrangeiro idealista. Um bairro que sabia explorar inocentes. Maria seria a distração.

Maria seguia para o Tabernáculo Milagre da Meia Noite, incumbida de manter o pastor distraído até que o golpe fosse concluído, antes da meia-noite.

Terry tinha uma queda por Maria. E ela, às vezes temia que ele estivesse perdendo o senso da realidade. O jovem pastor era bonito, de um jeito juvenil e um tanto doce. Mas estava longe de ser seu tipo. E, pior ainda, ele permanecia completamente alheio ao fato de que, biologicamente, ela ainda era do sexo masculino.

Nunca fora a intenção de Maria enganá-lo, muito menos feri-lo. Mas Mãe sempre conseguia o que queria. No instante em que soube do plano de Terry, a mulher ficou obcecada com a ideia de roubá-lo. Para Maria, não havia saída. Mas esta seria a última vez.

Maria atravessou a Avenida Visconde de Souza Franco em direção ao Umarizal, um bairro moderno de Belém que, apesar do verniz sofisticado, ainda abrigava uma vida noturna um tanto decadente. A apenas um quarteirão dali, a boca escancarada do templo Quonset parecia brilhar intensamente, iluminando uma multidão de curiosos, ainda hesitantes em cruzar o limiar do Tabernáculo do Milagre da Meia Noite. Ao ouvir os acordes do órgão e as vozes suaves que o acompanhavam, ela apressou o passo.

Não fazia muito tempo que Maria fora como os outros que perambulavam do lado de fora, tentando encontrar coragem para atravessar a porta e entrar na luz de Jesus. Agora, porém, ela entrava com a desenvoltura de uma celebridade, como convidada especial, sentando-se ao lado do Pastor Terry, na primeira fila de frente para o púlpito, ao lado dos demais dignitários da igreja. O pastor sorriu ao vê-la entrar e afagou a mão de Maria. O cabelo loiro desgrehado, já ralo, parecia penugem de patinho sob à luz do palco.

— Maria — disse ele, aliviado.

Depois de algum tempo, o órgão silenciou e o templo Quonset ficou quieto. O pastor Brasileiro, de figura volumosa, levantou-se e subiu rangendo os degraus de madeira até o púlpito, diante da congregação. Apontou para o relógio no pulso e anunciou:

— Meus amigos, chegou o momento que tanto esperávamos. A hora do milagre da meia-noite.

Com as mãos no púlpito, ele observou a congregação como se procurasse algo que tivessem escondido dele. Quando pareceu satisfeito, ele disse:

— Então quem será? Quem dará seu testemunho sobre a mão salvadora de Jesus?

Passou um momento, uma vozinha escapou, como se tivesse sido ensaiada. Várias pessoas gritavam “ali!” e apontavam para uma senhora idosa. Um assistente correu para lhe entregar o microfone. Contou sobre dívidas, despejo iminente, solidão.

— No mês passado eu não conseguia pagar as contas médicas e devia três meses de aluguel. O proprietário disse que eu precisava sair do imóvel.

Um chiado estridente de microfonia atravessou as caixas de som e a interrompeu a senhora. Quando o ruído cessou, ela prosseguiu:

— E para onde eu iria? Amigos não são amigos quando se é uma velha necessitada. A gente passa a valer menos que um cachorro de rua abandonado.

A congregação, no entanto, reagiu de imediato:

— Nós te amamos! Você tem amigos aqui!

E então falou do envelope entregue por um estranho, dinheiro suficiente para quitar tudo.

— Outro dia, um estranho bateu à minha porta. Quando abri, ele me entregou esse envelope, dizendo que eu tinha deixado cair. Mas eu nem tinha saído de casa. Falei isso para ele. Mesmo assim, ele simplesmente ficou ali, balançando a cabeça, afirmando que aquele envelope era meu. Ao abrir o envelope, vi que nele havia mais dinheiro do que eu já havia visto em toda minha vida. Quando tentei devolver, dizendo que aquela quantia não era minha, ele foi se afastando, e simplesmente desapareceu.

A congregação Quonset explodiu em aleluias.

Maria juntou sua voz ao alvoroço, encantada pela história de intervenção divina. Mas, por mais feliz que estivesse pela idosa, não conseguia conter própria sensação de frustração e leve desespero interior. Desde que ingressara no Tabernáculo do Milagre da Meia-Noite, três meses antes, Maria ansiava por uma explosão de fé no peito, pelo toque sublime do Espírito Santo. Esse chamado milagroso que a lançaria aos braços de Deus continuava a escapar-lhe. Fechou os olhos em busca do arrebatamento, do milagre da meia-noite que tanto desejava.

Gritos, porém, desviaram sua atenção para as luzes intensas do templo cabana Quonset. O pastor Terry dirigia-se ao palco acompanhado do jovem intérprete.

Ele subiu com energia e falou numa voz que ressoava seu corpo esbelto.

— Quero que vocês saibam o quão maravilhoso é ter uma família no Brasil.

Terry voltou-se para o pastor brasileiro e murmurou “obrigado”, gesto que provocou aplausos entusiasmados da congregação.

— Pode parecer que eu estou totalmente seguro de mim, que sei exatamente o que estou fazendo. Mas não é assim. Sou como qualquer um de vocês, tateando na escuridão. Tenho meus altos e baixos. Tenho momentos em que não sei se conseguirei atravessar mais um dia.

Améns e “estamos com você, irmão” ecoaram pelo tabernáculo.

— Tudo isso mudou depois que vim para Belém. Depois que conheci Maria. Maria, poderia subir aqui, por favor??

Surpresa, Maria olhou ao redor procurando quem estava sendo chamada, até perceber que era ela.

Um rubor queimou-lhe as faces enquanto se levantava e subia os degraus rangentes, temendo que um dos saltos se partisse.

— E agora, amigos, é a minha vez de compartilhar algo especial, de abrir meu coração como vocês abriram o de vocês.

Terry segurou as mãos de Maria e fixou nela um olhar luminoso.

— Maria. Você é o meu único e verdadeiro...Milagre da Meia-Noite.

Quando o culto terminou, Maria conversou com membros da congregação e com Terry até as duas da manhã. Depois de combinarem um almoço para o dia seguinte, após a negociação do terreno que jamais se concretizaria, Maria saiu, recusando o convite para dividir um Uber com os dignitários da igreja.

Seus pés doíam, então tirou os saltos e partiu para o Reduto, que àquela hora estava tomado por trabalhadoras do sexo e clientes “problemáticos.” Ela desceu pelo chamado Boulevard do Peito Grande, nome popular da rua Quintino Bocaiúva. Encostada às fachadas corroídas dos prédios, atravessou grupos festivos que fechavam “negócios.” Os seios cirúrgicos das “Camisas Abertas” brilhavam na leve névoa dos postes.

Quando ainda integrava uma gangue na adolescência, ou seja, quando ainda era um jovem a caminho do crime, Maria sempre sentia alívio ao retornar ao Reduto depois de incursões pela cidade com a polícia no encalço. Ficava feliz por aqueles dias terem ficado para trás embora sua nova vida tivesse perigos próprios.

Gritos estridentes a sobressaltaram quando um Suburban preto passou quase roçando seu braço. Um grupo de jovens a encaravam com deboche. Ela balançou a cabeça, enojada. Não pelo SUV nem pela devassidão noturna do Reduto, mas por si mesma— ainda presa àquele imenso atoleiro chamado Belém. Bastava embarcar para o Rio de Janeiro. As novelas deixavam claro: o Rio era um paraíso. Poderia recomeçar. Poderia ser apenas Maria. E não mais Mãe.

Um segundo coro de gritos despertou Maria do seu estado melancólico. O Suburban parou adiante e um dos rapazes gritou algo obsceno. Maria tocou a Sig Sauer P938 microcompacta dentro da bolsa, mas, em vez de puxar a arma, apenas levantou o punho, apenas ergueu o dedo médio. A gargalhada explodiu e o veículo seguiu adiante.

Ela entrou na rua do apartamento mofado e minúsculo que dividia com Mãe. Ao parar na calçada para se recompor, música brega tocava no aparelho de CD lá dentro. Música de celebração. Ao abrir a porta, foi recebida pelo chiado dos cachimbos de crack e pelo cheiro pesado da droga queimada. Ao vê-la, os rapazes comemoraram: o roubo tinha sido um sucesso.

Como pôde fazer aquilo com o Pastor Terry?

Mãe estava sentada no sofá estreito de vinil, com um membro da gangue de cada lado. Os demais se empoleiravam no chão da sala apertada, formando uma espécie de friso de jovens marginais. Vários exibiam penteados impecáveis, cabelos com luzes descoloridas, e brincos dourados reluzindo em cada orelha. Em contraste, a líder de meia-idade, desleixada, de cabelos crespos e olhos parecendo patas de aranha.

— Meu querido, querido *filho*, você voltou para casa!

Maria lançou um olhar rápido para os antigos companheiros do bando. Alguns achavam que ela estava atraente, mas até então ninguém havia se atrevido a investir. Recusou o cachimbo de crack que lhe ofereceram e, com um aceno abatido, tentou ir para o quarto.

— E aonde você pensa que vai, mocinha?

Maria congelou, presa entre o desejo de sair dali imediatamente e a incapacidade de desobedecer a Mãe. Sabia que deveria continuar andando. Sabia que deveria apenas ignorar. Mas não conseguiu. Lentamente, virou-se para encarar a mulher desagradável.

— Ora, ora. Você dá um novo sentido à palavra “cara amarrada.”

Mãe balançou a cabeça e fingiu um fungar dramático, para em seguida abrir um sorriso largo, os olhos cintilando com o efeito do crack. Voltando-se para a gangue, disse:

— Meus pobres, pobres meninos! Que triste seria se não tivéssemos essa nossa família para cometer esses crimes maravilhosos.

Não havia resposta lógica para aquilo, então Maria apenas disse:

— Boa noite a todos. Fico feliz que tenha dado certo

Mas, mais uma vez, Mãe não a deixou sair

— Meu querido filho. Perdoe minha insensibilidade às suas extensões femininas. Todo esse bater de cílios deve ter sido cansativo. Imagino que você esteja precisando do seu sono de beleza.

Alguém entregou um cachimbo à mulher. Ela deu uma longa tragada, soltou a fumaça devagar e disse:

— Mas tem uma coisa que eu gostaria que você compartilhasse com a gente. Quer dizer, estamos todos do mesmo lado, não estamos?

Maria sabia que não deveria responder. Mas também sabia que Mãe não desistiria até dizer o que queria dizer. Maria caiu na armadilha.

— O que?

— Bem...

Mãe fez uma pausa, como se ponderasse sobre a forma mais delicada de abordar o assunto. A pausa não durou muito.

— O pastor é bem dotado?

Os membros da gangue explodiram em gargalhadas, mas logo se contiveram e ficaram em silêncio. Mãe continuou com uma falsa empatia.

— Você está prestes a sacrificar sua virgindade com aquele homem...se já não fez isso.

—Mãe...

— Então ele tem que ser bem dotado. Aleluia!

— Mãe...

— Homem bom é difícil de encontrar, mas um homem duro é melhor do que um homem bom!

—Mãe...

—O que você quer afinal? Jesus...ou o pau do Terry?

Maria já havia sentido o gosto da humilhação antes, mas nunca assim. A mulher estava zombando de sua nova vida cristã, e de um homem de rara sensibilidade que ela acabara de ajudar a roubar.

Maria estava farta de Mãe. Farta de Belém. Farta daquela vida maldita que recusava a soltá-la.

— Você sabe que é só uma vadia? — disse ela. — Uma vadia comum, sem graça. Boa noite, vadia.

—Ah, sou mesmo! — respondeu Mãe teatralmente. — A vadia que amou demais o seu *filho*! Buááá...buááá... E agora você vai me abandonar por algum show de horrores no Rio de Janeiro. O que uma mãe pode fazer? *Buááá ...buááá*...Não havia maneira de encerrar a conversa sem que terminasse em assassinato. Então para que insistir? Maria virou-se novamente em direção ao quarto.

— É demais para mim —lamentou Mãe. — Tudo o que eu sempre quis foi que você fosse feliz. Você sabe disso, não sabe?

Maria segurou a maçaneta.

— Muito bem. Seja assim, *Filé*.

Mãe cuspiu a palavra *Filé* como se tivesse mordido uma pimenta ardida.

Maria tentou abrir a porta, mas suas mãos não se moviam. Tentou ignorar o zumbido nos ouvidos, mas não conseguiu.

Filé.

Como odiava o som daquela palavra. A forma como ela moldava os lábios quando a pronunciava. Mãe sabia disso também, mas não se importava. Ela usava a palavra com a intenção de ferir, como quem lança uma granada.

Maria virou-se abruptamente para o grupo. O CD de brega havia terminado, restando apenas o ronco do ar-condicionado.

— Você sabe que não gosto desse apelido.

Mãe estalou a língua.

—Você era um garoto tão adorável. Tão talentoso com uma faca.

—Isso ficou no passado. Eu não sou mais essa pessoa.

— Parece que foi ontem que eu estava trocando suas fraldas fedidas.

— O passado é passado por uma razão. O que está lá deve ficar lá.

Mas, por mais que quisesse acreditar nisso, Maria nunca conseguira se livrar da memória que sempre surgia quanto o apelido era mencionado.

A memória do Senhor Miguel. O velho que vendia água de coco e mantinha um caderno de apostas de futebol em seu quiosque na Praça da República. Ele gostava do Senhor Miguel. Ele havia tomado carinho por Maria quando ela ainda era menino. Sempre lhe dava uma moeda ou uma água de coco de graça.

Infelizmente, Mãe devia ao homem uma pequena fortuna em apostas perdidas.

— Claro, querido — continuou Mãe. —Você tem uma vida completamente nova, o que significa *nenhum passado*. Mas devemos esquecer o Senhor Miguel só porque ele está *no passado*?

O silêncio anestesiou a sala enquanto a lembrança emergia como se fosse ontem.

Mãe mandara os rapazes, a maioria agora ali sentada fumando crack, atrás do livro-caixa do Senhor Miguel, com o registro de suas dívidas. Advertira que o velho sabia quem eles eram e poderia identificá-los se não fizessem o que fosse necessário. Além disso, disse ela, teriam de provar que eram homens de verdade se queriam dominar o Reduto.

— Eu farei valer a pena — prometera.

Assim, esconderam-se atrás de uma das gigantescas sumaúmas da praça, esperando que o velho Senhor Miguel voltasse para casa depois da meia-noite. Quando ele empurrou o carrinho de venda pelas ruas escuras e vazias, atacaram como enxame de abelhas assassinas. Tantas lâminas brilhando que quase o cortaram em tiras.

— Senhor Miguel? Nunca ouvi falar dele —disse Maria, entrando no quarto e batendo a porta com força. Ela permaneceu no escuro enquanto a memória seguia seu curso

Eles haviam derrubado o velho no chão. Quando Maria se ajoelhou ao lado dele, viu o terror em seus olhos — e o choque ao reconhecer quem o estava roubando.

Então ela cortou sua garganta.

Pegaram o livro-caixa e reviraram os bolsos do homem, encontrando apenas algumas moedas e um pequeno livro, que alguém jogou no meio-fio. Quando as sirenes começaram a ecoar e os rapazes fugiram, Maria pegou o objeto. Mas tarde, descobriu que era uma bíblia de bolso.

Dentro da capa, o Senhor Miguel havia escrito seu nome. E logo abaixo: Templo do Milagre da Meia-Noite.

Maria começou a se despir, tentando afastar o pensamento que sempre surgia junto daquela lembrança — de que o Senhor Miguel estava morto porque ela lutara demais contra aquilo que estava acontecendo com ela, como se derramar sangue pudesse garantir que continuaria vivendo dentro de um corpo que não sentia como seu.

Maria sentou-se no quarto depois de uma noite de sono agitada, em que checkou o celular em busca de mensagens. Ainda nada. Nenhum texto de Terry desde que tinham marcado o

almoço na noite anterior. Ela vestiu um micro-mini de spandex, completou por cima com uma camiseta de renda, e chamou um Uber.

Dez minutos depois, entrou no hotel de Terry e foi até a recepção. Um jovem franzino, com um rosto de aparência mofada, entregou-lhe o número do quarto e apontou para o elevador. Maria desceu no terceiro andar, encontrou a porta e bateu.

Como Terry não respondeu, bateu novamente. Ainda nada. Sem resposta, empurrou a porta e ela se abriu. O quarto estava levemente iluminado pela luz do dia que entrava pelas frestas da cortina.

Terry estava sentado na cama, usando só uma cueca boxer, as costas apoiadas na cabeceira. Uma garrafa vazia de cachaça descansava encostada na coxa.

— Posso entrar? — perguntou Maria.

Terry não respondeu, mas ela entrou mesmo assim, desviando de um campo de destroços de roupas e itens de higiene. O ar-condicionado gemia. O quarto cheirava a naftalina.

Maria ajoelhou-se ao lado da cama.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

Terry não respondeu.

Ela tocou com os dedos a têmpora dele; então ele murmurou:

— Acabou, acabou, acabou

— O que acabou? — perguntou Maria.

—Tudo. Tudo acabou. Minha vida. Tudo acabou.

Terry encarou a claridade vaga, lágrimas escorrendo pelos seus lábios.

— Você trouxe cachaça?

Antes que ela pudesse responder, ele enfiou a cabeça entre as mãos e começou a balançar o corpo.

Maria apertou o antebraço dele.

— O que eu posso fazer?

Terry permaneceu em silêncio. Então ela se levantou, pegou uma toalha úmida no banheiro, afastou as mãos dele do rosto, enxugou as lágrimas e o fez deitar.

Deitou-se ao lado dele. Acomodada no ombro, acariciou o peito, sussurrando “calma, calma” até a respiração dele ficar regular. O calor dos dois trouxe algum conforto aos lençóis. Ela acordou desorientada num lugar estranho, sentindo a presença úmida de um corpo próximo.

Terry estava ajoelhado ao lado da cama, em fervorosa oração. Ao perceber Maria desperta, perguntou:

—O que devo dizer a eles?

Maria não tinha a menor ideia do que ele deveria dizer. Mesmo assim, a resposta veio:

— A verdade.

— A verdade?

A voz de Terry se partiu em soluços agudos.

Maria escorregou da cama e se ajoelhou ao lado dele.

Aquele homem justo que só queria fazer bem ao mundo. Ele a chamara de seu Milagre da Meia-Noite. E, para pagar aquela bondade, ela o destruíra.

Pobre homem, lindo, arruinado.

Agora Maria sabia o que precisava fazer. Não podia devolver a ele a vida, nem o dinheiro, nem a dignidade. Mas podia lhe dar a verdade sobre o que tinha feito.

Os olhos de Maria se encheram de água enquanto ela olhava para o teto e começava a orar. A Bíblia dizia que o caminho da salvação não era fácil. Sempre havia uma provação, e aquela era seu Gólgota. Somente admitindo os pecados seria possível caminhar rumo à retidão.

— Eu tenho uma coisa para te contar

E, no entanto, quando se preparava para revelar a Terry o que ela e a Mãe haviam feito, uma carga elétrica atravessou cada célula do seu corpo, acendendo um fogo interno que queimava sem calor. E então veio: a explosão de alegria no peito, a elevação do espírito até uma verdade de tal benevolência que apagava os pecados de Maria e a tornava inocente diante do Senhor.

A verdade de que ela amava aquele homem piedoso, cuja vida destruíra — mas que agora poderia restaurar. Os dois poderiam voltar a ser inteiros, nos braços dourados de Jesus.

— Eu te amo —disse Maria, saboreando a majestade de palavras que nunca tinha dito antes, palavras que agora respondiam à sua oração selvagem de querer ver o rosto de Deus.

Ela agarrou Terry em seus braços e começou a chorar, dizendo o quanto o amava, dizendo que ele era o seu único e verdadeiro Milagre da Meia-Noite.

Com as últimas lembranças guardadas, Maria fechou o zíper da mala e olhou ao redor, para ver se tinha esquecido alguma coisa. Depois examinou as marcas fossilizadas de fita adesiva deixadas pelos pôsteres que acabara de arrancar e jogar no chão. Colara aquelas imagens nas paredes para disfarçar o quarto sufocante: bandas favoritas, Rio de Janeiro, até uma foto de Veneza.

De repente, foi como se uma maré subisse para drenar sua vida inteira, levando consigo os fantasmas do passado: um pai que desaparecera em algum lugar num mar de cachaça; uma meia-irmã levada pela AIDS; dois primos mortos, um abatido pela polícia, o outro eviscerado pelas facas de uma gangue rival.

Maria tentou evocar os rostos deles, mas não conseguiu. Tinham virado pó e se dispersado. Tinham sido arrancados da alma dela como os pôsteres arrancados das paredes.

Era hora de ela se juntar a eles.

Duas semanas tinham se passado desde o roubo, desde que o Pastor Terry pegara o primeiro voo de volta para os Estados Unidos que conseguiu encontrar. Agora era a vez da Maria ir embora.

A porta do quarto se abriu de repente, mas, antes que Mãe dissesse qualquer coisa, Maria entregou a ela a chave do armário da rodoviária.

Mãe carinhosamente apalpou a parte larga da chave.

— Então é o terminal da Almirante Barroso?

— Escondido à vista de todos.

Mãe assentiu, aprovando.

— Exatamente o que eu teria feito. Eu te disse que a gente é farinha do mesmo saco.

— Claro —disse Maria.

O iPhone vibrou: o Uber havia chegado. Ela estendeu a mão para a mala.

Mas a Mãe ainda não estava pronta para o adeus. Apertou os olhos e sorriu um sorriso malicioso que avisava Maria que um do comentário maldoso viria.

—Então...você e o Terry...vocês, sabe, fizeram a coisa? E quem fica por cima numa situação dessas?

— Você sabe que isso não é da sua conta

— Eu sei. Acho que é curiosidade apenas. Já ouvi dizer que todo pastor americano é viado,

— Nós nunca chegamos a esse ponto —Maria confessou.

— Sérió?

— Ele fez voto de castidade.

Mãe recuou a cabeça numa gargalhada profunda, luxuriosa.

— Americanos não gostam muito de sexo, né?

— Não como brasileiros.

Como Mãe não tinha resposta, abriu-se um vão na troca de farpas. Chegara a hora.. Adeus a Belém, ao mundo como Maria conhecera, a Mãe.

O celular de Maria vibrou de novo.

— Meu Uber chegou.

Mãe se perturbou, mas só por um instante. Com um sorriso amargo, disse:

— Por que você não podia ter sido um viado normal, que nem seu pai? Acho que ele era seu pai.

Depois de retocar a maquiagem, Maria saiu do pequeno lavatório da cabine do jato da LATAM, com destino ao Rio de Janeiro. Ela atravessou o corredor de forma discreta, enquanto os olhares dos passageiros a acariciavam como uma brisa ensolarada. Do jovem punk ao aposentado rabugento, todos a observavam: alguns com cautela, por causa de esposas ou namoradas; outros com pura luxúria. Homem brasileiro era tudo porco.

Maria se sentou de volta no assento da janela e pensou no Pastor Terry. Desde que saíra do Brasil, ele lhe enviava e-mails apaixonados. Por dias, Maria rezara para que se reencontrassem. Chorara até dormir e acordara sem coragem de encarar as manhãs. Depois, recuperara o juízo. Terry tinha sido mais do que gentil, e ela sempre o amaria, mas como ele poderia competir com os corpos bronzeados dos garotos de praia de Copacabana? Além disso, o pobre homem não sabia a verdade sobre ela, no sentido anatômico. Isso inevitavelmente traria um drama indesejado. No fundo, ela estava fazendo um favor a Terry ao sumir.

Maria olhou pela janela do avião, tentando adiar o que já decidira, mas a hora tinha chegado. Enfiou a mão na bolsa nova da Coach e tirou a Bíblia de bolso que guardava havia anos. Folheou as páginas, notando a mancha de sangue no lado de dentro da contracapa. Então a enfiou no bolso do assento à frente.

Era a vez de outra pessoa buscar salvação.

Ela tinha tentado — ah, como tinha tentado. Só para perceber que a luz de Jesus era como qualquer outro barato: intensa, mas breve.

Como era se esperar, Mãe a sacaneara depois que ela voltou do quarto de Terry, após o roubo. Ordenara que Maria tirasse o dinheiro do apartamento e o colocasse em algum lugar seguro. Imediatamente. Maria dissera não — era perigoso demais, sem falar que ela já feito mais do que sua parte no planejamento do golpe. Mãe surtara. A polícia tenta me prender há anos, dizia. Tudo o que você precisa fazer é sorrir pra eles e a cabeça deles vira papa. Eles começam a abrir portas pra você. Os policiais daqui são um bando de tarados.

Maria, como sempre, cedeu e fez o trabalho sujo de Mãe. Mas era melhor do que aguentar o chilique da mulher.

A essa altura, a vadia já tinha ido à rodoviária buscar o dinheiro, ou pelo menos conferir se ele estava lá. Pena que o armário estivesse vazio. Que tristeza. Buááá, buááá.

Maria enfiou a mão no bolso de novo, desta vez para tocar os quarenta mil dólares. As notas pareciam quentes ao toque, prontas para serem gastas.

Robert Toovey Walker pertence ao Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade da Flórida. Preocupado com as questões relacionadas com a preservação da Amazonia, o Dr. Walker tem publicado na *Revista Interesse Nacional*, abordando temas como desmatamento, direitos dos indígenas, energia hidroelétrica, e investimentos chineses no Amazonas. Conhecedor da região - reside em Belém do Pará --, na qualidade de expert em política ambiental, empenha-se em conscientizar o público para o risco ao ecossistema mundial que a devastação da floresta representa. O autor agradece a dra. Aghane Antunes, que revisou o texto em português.